

## DZI CROQUETTES E A TEORIA QUEER: REPENSANDO AS PEDAGOGIAS DO “SER HOMEM”.

Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte\*

### RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de problematizar o modelo e o conceito de masculinidade hegemônica por meio da análise de performance corporal do grupo teatral Dzi Croquettes. Esse grupo teatral se organizou em 1972, no Brasil, tendo como formação original treze homens que atuavam e dançavam. Compostos por sujeitos peludos, musculosos, que vestiam sunga fio dental, muita maquiagem e purpurina, usava da transgressão das normativas de identidade de gênero de forma lúdica e satírica, contrapondo as relações de força, poder e masculinidade que eram predominantes na sociedade do século XX, em pleno regime ditatorial. Para esse estudo, focalizamos as históricas possibilidades de se ser, de se forjar e de se constituir homem por meio do olhar da Teoria Queer. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental e bibliográfica em que analisamos performances dos Dzi Croquettes por meio do documentário “Dzi Croquettes” (2010), e depoimentos dos integrantes da trupe no livro-catálogo “Dzi Croquettes”. Este trabalho tem, portanto, a importância de analisar o questionamento de identidades polarizadas e fixas, defendendo a dinâmica polifacetada da masculinidade.

**Palavras-chave:** Dzi Croquettes. Teoria Queer. Masculinidades.

---

\* Mestranda em educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduada em Ciências Sociais pela UERN. E-mail: dianadayane1@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de problematizar o modelo e o conceito de masculinidade hegemônica por meio da análise de performance corporal do grupo teatral Dzi Croquettes. Para esse estudo, focalizamos as históricas possibilidades de se ser, de se forjar e de se constituir homem. Devemos considerar que os estudos de gênero são pouco voltados para as reproduções do que é ser masculino, sobretudo naqueles sujeitos que, de alguma forma, não estão enquadrados no padrão dominante - em que, supostamente, o sujeito universal é constituído. Desse modo, pensar a atuação dos Dzi Croquettes é refletir sobre a pedagogia do ser homem, que inclui jogos e ritos de passagem que são variantes de acordo com os grupos sociais, mas que, de modo geral, compreendem a exaltação do poder. Algumas questões norteiam a análise desse estudo, são elas: Qual é o impacto que o grupo teatral causa na medida em que contrasta diretamente com o modelo de masculinidade vigente? Eles reivindicam uma identidade fixa? Se sim, qual? Se não, por quê? É possível pensar numa crítica governamental a partir do exercício da sexualidade? Trata-se, portanto, de pensar o exercício da construção do gênero a partir da demarcação da masculinidade considerando-se os efeitos do cruzamento dessas fronteiras e analisando o impacto que podem causar para o campo político e subjetivo.

O Dzi Croquettes foi um grupo teatral que se organizou no ano de 1972, em Santa Tereza, Rio de Janeiro. Sua formação original era composta por treze homens, todos eram atores e bailarinos. Havia diversificação no grupo desde sua formação inicial em que negros, brancos, brasileiros e um estadunidense atuavam e dançavam todos juntos. A faixa etária variava entre 18 e 40 anos. Os integrantes dos Dzi eram respectivamente: Wagner Ribeiro, Cláudio Gaya, Reginaldo e Rogério de Poly, Benedicto Lacerda, Bayard Tonelli, Paulo Bacellar, Ciro Barcelos, Roberto de Rodrigues, Leonardo Laponzina (Lennie Dale), Carlinhos Machado, Cláudio Tovar e Eloy Simões. Esse grupo compostos por sujeitos peludos, musculosos, que vestiam sunga fio dental, muita maquiagem e purpurina, usava da transgressão das normativas de identidade de gênero de forma lúdica e satírica, contrapondo as relações de força, poder e masculinidade que eram predominantes na sociedade do século XX, em pleno regime ditatorial.

Nesse cruzamento utilizamos a perspectiva teórica pós-estruturalista que integra também os estudos da Teoria Queer. O autor fundamental para a análise foi Michael Foucault (1984) por defender o discurso da sexualidade como um instrumento de poder. Como

exercício de poder, a representação da masculinidade está presente nas instituições e no modo de viver dos sujeitos gerando um complexo processo de regime de verdade. Para Foucault, regime de verdade é onde um saber hegemônico é estruturado por um poder que se afirma como imperativo nos destinos de sujeitos e contextos sociais.

A metodologia utilizada foi a pesquisa documental e bibliográfica em que analisamos performances dos DZI Croquettes por meio do documentário “DZI Croquettes” (2010), e depoimentos dos integrantes da trupe no livro-catálogo “DZI Croquettes”.

## **2 IDENTIDADE DE GÊNERO E A MASCULINIDADE**

A dicotomia feminilidade-masculinidade nos estudos de gênero deu por obliterar a discussão da masculinidade reduzindo a categoria “gênero” a uma interpretação social daquilo que é supostamente natural: o homem e a mulher genitalizados. Essa percepção dualística entre homem/mulher, negro/branco, grande/pequeno, dominante/dominado, torna sempre uma construção hierárquica em que o primeiro tem uma posição de força e poder sobre o segundo. Aqui aceitaremos que tanto o corpo sexuado quanto o sujeito são efeitos de um processo social, histórico e cultural contínuo em que a ciência natural não se desvirtua, mas que é parte significativa deste.

Os estudos sobre gênero se deram, desde seu início, numa relação intrínseca entre homens e mulheres em que estas eram dominadas por um sistema patriarcal em que uma lógica masculina imperava levando até as últimas consequências o controle da mulher. Essa posição em que a mulher era vista como um ser secundário e inferior, embora ainda seja combatida na contemporaneidade, tomou outros rumos a partir da época da modernidade em que o Estado começou a tomar o controle das organizações sociais demarcando o ambiente comum em que a privacidade deveria existir.

As características e os comportamentos da masculinidade foram sendo desenvolvidos e reificados de acordo com a cultura do local e a sociedade da época, sendo reconhecida socialmente como parte da existência dos sujeitos que se submetiam. Esse conjunto de referências é comumente desenvolvido no sentido de afastar-se de tudo aquilo que está de alguma forma interligado ao discurso do que seja universo feminino. Nolasco (1995) defende que o gênero masculino é uma categoria caracterizada por um conjunto de identificações e comportamentos que são ferramenta de orientação para os homens.

No entanto, não devemos com isso apontar o gênero como categoria que deva ser analisada de forma essencialista, atribuindo papéis específicos para homens e mulheres. Connell (1995, apud SILVA, 2008, p. 1) afirma que o olhar da teoria de papéis não permite compreender as múltiplas formas de ser homem. De acordo com Butler (2008), é necessário não buscar no gênero uma origem ou uma verdade uníssona, mas sim tentar conhecer as investidas políticas que são consideradas como causas da naturalização das categorias de identidade masculina e também feminina. Portanto, como homens e mulheres devem se portar socialmente. Essas verdades são efeitos de práticas e discursos provenientes de várias instituições em que é possível manifestar os corpos sexuais como lícitos ou ilícitos, atribuindo-os o caráter de normais.

Para Foucault, a sexualidade sempre foi objeto de interdição e ela se intensificou a partir do século XVII quando houve repressão das práticas sexuais no interior das famílias. Esse ato de repressão está ligado diretamente à tentativa de levar ao esquecimento de qualquer prazer humano que não estivesse ligado a economia sexual. Como consequência, esse controle da sexualidade abre uma discussão para todos e todas aquelas que buscam falar sobre assuntos proibidos dando origem naqueles sujeitos que não se encontram na norma, sejam adjetivados como transgressores.

Desse modo podemos considerar a masculinidade como metáforas de poder e possibilidades de ação acessível aos homens. Nesse sentido, é possível falar de “*masculinidades*” considerando as mudanças das relações de gênero e do contexto sócio cultural. Esse caráter contingencial da masculinidade pode ser verificado por meio da análise de etnografias que consideram a relação da masculinidade hegemônica e a subordinada ou observando mesmo a variação da identidade masculina num só indivíduo na sua trajetória ao longo da vida. O termo *masculinidade*, no singular, revela uma interpretação rasteira daquilo, colocando os sujeitos em posições categóricas, limitando as múltiplas formas das possibilidades de se tornar homem.

Isso é ocasionado por um mal-estar masculino na contemporaneidade. Não há um reconhecimento universal tradicional para nutrir as representações do imaginário social conhecida do que é ser homem. Nesse sentido, existe uma instabilidade acerca do que vem a ser a masculinidade na sociedade contemporânea gerando um desvinculamento do sujeito consigo mesmo e com aquilo que representa a masculinidade (ROSA, 2008).

De acordo com Foucault (2006), todas as práticas sexuais marginalizadas foram controladas pelo poder do discurso sutil, tendo em vista que o objetivo desse controle se constituía em consolidar a ideia de que o correto seria uma sexualidade conservadora,

heterossexual, voltada para a procriação e reprodução do status quo. É desse modo que uma variedade de sexualidades começa a emergir dentre as opções possíveis de sexualidade humana, isso resultaria mais tarde na luta caracterizada como minorias<sup>1</sup>. Essa heterogeneidade da masculinidade passa a ser classificada e conceituada com a intenção não de reprimi-la, mas objetiva contrastá-la em oposição ao modelo tradicional e aceito social e contextualmente.

Com isso podemos defender que a masculinidade é um modelo cultural que, por não ser concretizada por nenhum homem exerce sobre todos um poder controlador. Com isso pode-se constatar que a masculinidade não é um processo discursivamente natural, mas sua construção encontra-se num terreno frágil, vigiado, regulado e negociado.

### 3 DESVELANDO OLHARES DA TEORIA QUEER SOBRE A MASCULINIDADE

A Teoria Queer surgiu na década de 1990, nos Estados Unidos, e teve como fundamentação teórica o pós-estruturalismo baseado nos estudos de Foucault, Derrida e a filósofa contemporânea Judith Butler. O próprio termo “*queer*”, em sua tradução para a língua portuguesa, significa: estranho, raro, extraordinário. Além disso, este termo também carrega sentido abjeto, pejorativo que é constantemente reiterado pelos discursos homofóbicos, adquirindo a força ao apontar um lugar discriminado para quem lhe é dirigido.

Segundo Louro (2001):

Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.

Desse modo podemos perceber que o termo queer pertence ao universo político em que os teóricos usam o “*queer*” com o objetivo de positivar a aversão, a humilhação e a

---

<sup>1</sup> Aqui, quando falamos de minorias, utilizamos o conceito arguido por Louro (2001) em que as minorias nunca poderiam fazer referência a uma ordem numérica inferior, mas sim como maiorias que se encontram silenciadas que, tem a potencia de transformar a marginalidade em território e o estigma em orgulho. No entanto, a pesquisadora aponta que sua visibilidade tem efeitos contraditórios. Por um lado, existem alguns setores da sociedade que parecem aceitar o fato de haver uma pluralidade sexual; por outro, algumas esferas mais tradicionais reiteram seus ataques por meio de realização de campanhas de retomada dos valores da família a violências física.

situação daqueles que não se integram aos padrões sociais e culturais da sexualidade. De acordo com Butler (2002), Queer contrai todo o seu poder por meio da invocação repetida que faz relações com acusações, patologias e insultos. Ou seja, é fazer o uso da perversidade com a finalidade de destacar a norma no “meio” da “anormalidade”.

Essa ideia de “desajustamento”, de ruptura, é derivada da perspectiva pós-estruturalista, pronunciada por Jacques Derrida. Seidman (1996) afirma que os estudos “queer” são favoráveis a uma estratégia descentralizadora, que contesta as propostas sociais e políticas defendidas pelo positivismo. É pensar o social como um texto que deve ser interpretado e criticado com o objetivo de contestar conhecimentos e hierarquias sociais e políticas.

O “queer” é um conceito, de acordo com Deleuze e Guattari (2000, apud LEON, 2010, p. 60) é um dispositivo, usando o termo de Foucault, ou agenciamento, para utilizar o termo dos próprios autores. O conceito não é uma opinião, mas uma forma de agir sobre uma opinião generalizada, ou seja, é algo que produz. O conceito não deve ser procurado como uma entidade metafísica palpável, rígida ou até messiânica, mas um dispositivo, um instrumento, algo que é criado, inventado a partir de condições existentes e que age no universo dessas mesmas condições. Isso aponta que o conceito deve nos fazer pensar, ele é produtor de novos pensamentos, de novos conceitos e, principalmente de acontecimentos, na mesma proporção em que é o conceito quem torna o acontecimento possível.

Em decorrência desse fator, a (des) construção da identidade masculina, dentro da teoria queer, se torna arbitrária, inconstante, pois a nega uma vez que dá voz a experiências sexuais múltiplas. Para os estudos queer, a instabilidade produzida pela identidade representa a ideia de desconstrução promulgada pelo viés da análise da teoria queer, já que ela centra-se nas ausências de coincidência, da incoerência do sexo, do desejo e da identidade.

A noção de identidade no universo da sexualidade é argumentada por Foucault quando ele afirma que a identidade é defendida por conceitos que dão estabilidade sobre o sexo, o gênero e a sexualidade. A ideia de “pessoa” se vê questionada pelo surgimento cultural daqueles seres em que o gênero é classificado como incoerente, descontínuo ou anormal (como sugere Foucault).

Pensar as formas de exercício da masculinidade dentro desse contexto é contestar, sobretudo, as formas de análise que alimentam a visão binária que acabam por consagrar a ordem estabelecida. A relação sexo/natureza, que fundamenta a base para a relação sexo/gênero, não é verdadeira, sendo consideradas por Foucault como construções sociais e não dados elementares da natureza.

#### 4 TRAJETÓRIA DOS DZI CROQUETTES: DA DITADURA MILITAR A TRANSGRESSÃO DAS NORMAS DE GÊNERO

O grupo teatral Dzi Croquettes teve início nos anos 70, no auge da ditadura militar e teve uma grande importância histórica para o Brasil. Este grupo atribuía o corpo como ferramenta artística de contestação num momento de repressão, perseguição e censura para aqueles que não respondiam de maneira positiva com o regime que se instalara em 1964. Ciro Barcellos, co-fundador do grupo, relata bem o momento quando se conheceram em meio ao contexto histórico da época:

Wagner, Bayard, Bene, Roberto, Gaya, Rogério, Reginaldo, Paulette, Carlinhos, Tovar, Eloy, Lennie, Ciro. Eu tinha 17 anos quando conheci o Bayard nas aulas de dança com o Lennie, ele me convidou para fazer parte de um grupo que estava se formando numa casa em Santa Teresa, chamada Embaixada de Marte. Então eu fui, subi a ladeira sem sequer imaginar o que iria encontrar. [...]. A medida que a ideia do Wagner de ontá uma peça de sua autoria, intitulada Dzi Família Croquette, foi se desenvolvendo em nossos encontros diários na Embaixada de Marte, Paulette, que vendia o artesanato do Wagner e era muito da engraçada, passou a fazer parte do grupo. E também Carlinhos e Eloy. No desenrolar da história, Lennie Dale, [...], se apaixonou pela ideia e resolveu assumir a direção e coreografia do que viria a ser o DZI CROQUETTES. Estávamos em pleno regime militar e na onda dos tropicalistas. [...] operando desvios nas normas estabelecidas e criticando o regime homofóbico e ditatorial da época. (Ciro Barcellos In: BARCELLOS; BRITTO, 2010, p. 4.)

A história desse grupo foi esquecida durante pouco mais de 30 anos sendo resgatada, posteriormente, por Tatiana Issa e Rafael Alvarez que, em 2009, produziram um documentário sobre o grupo em que contava a trajetória deste. Para isso, utilizaram entrevistas com alguns antigos participantes e fundadores, bem como pessoas que estavam envolvidas com a sua formação desde a origem.

De acordo com a antropóloga, Rosemary Lobert, que desenvolveu em 1979 sua dissertação de mestrado “*A palavra mágica: a vida dos Dzi Croquettes*” defende a representação artística desse grupo como forma de resistência as normas de gênero e a rigidez e intolerância perpetradas pelo regime militar da época. Usar o corpo e a arte teatral como instrumento provocativo às normas sociais era um desafio de enfrentamento direto a um projeto político que buscava a homogeneização de todos os sujeitos.

Era rompendo as normativas binárias de gênero e com os vários códigos de conduta das masculinidades, que os Dzi Croquettes provocavam uma outra forma de ser e pensar o sujeito. Para eles, usar roupa fio dental, vestido, muita maquiagem e dançar seminus, não era se travestir de mulher e nem violar as normativas do ser homem por si, de acordo com eles:

Nós não somos homens, nem mulheres. Nós somos gente. Gente computada igual a vocês. Se vocês quiserem uma flor, nós temos. Uma porrada? A gente tem também.

Venham com a gente nesta viagem, fazer uma nova cabeça. Para isso, basta dizer uma palavra mágica. E essa palavra mágica é... Dzi! (Carlinhos Machado In: BARCELLOS; BRITTO, 2010, p. 16).

Podemos perceber, com isso, que o efeito da dubiedade causada pelos Dzi Croquettes era uma maneira de ridicularizar o machismo bem como as formas de ser mulher questionando os supostos benefícios causados. Dessa forma, era denunciado a titubeante ideia de masculinidade hegemônica que, como foi evidenciado anteriormente, torna o campo de estudo subalterno e frágil.

Nesse sentido, dentro do universo Dzi não havia uma somente uma evidencia de masculinidades múltiplas que se percebiam enquanto sujeitos políticos e sociais. Mas também uma desconstrução das masculinidades por meio da revelação existencial do masculino como permeado também por relações sociais de sexo (WELZER LANG, 2004, apud SILVA, 2010). Com as investidas das performances teatrais era revelado o processo de naturalização da masculinidade, feminilidade e heterossexualidade compulsória. O estranhamento causado era uma consequência da desestabilização de modelos de sexo e de gênero nas experiências do devir.

Os Dzi Croquettes foram “*queers*”, mesmo sem essa denominação existir na época. O masculino, o feminino foram desestabilizados, marginalizados e postos num não-lugar. A fixidez em que são operadas as dicotomias excludentes tão presentes na teoria da construção do sujeito foi não apenas questionada nos palcos nacionais e internacionais, mas era vivido cotidianamente por esse grupo, mesmo longe dos holofotes e dos ensaios, os Dzi se transformaram numa forma de existir no mundo.

Com os Dzi eu tive grandes ensinamentos. O maior de todos foi o de viver em família. Sim, nós éramos uma família de fato, com uma mãe (Wagner), e um pai que no ensinava a dança (Lennie), várias irmãs e tias de nossa carreira. [...] Os Dzi Croquettes representou uma grande abertura ideológica e cultural em plena repressão brasileira. Foi um marco para todos. (Rogério de Poli in: BARCELLOS; BRITTO, 2010, p. 53).

Desse modo, estudar a masculinidade observando os Dzi Croquettes e toda sua trajetória, é perceber as modificações do gênero e do sexo dentro das culturas e formas de sociabilidades outras que se modificam no tempo e no espaço. Podemos ver que para eles o gênero é múltiplo e mutável e não se resume apenas ao masculino e o feminino. Treze “homens”, dilataram as normas, flexibilizaram os corpos dóceis. No ápice da ditadura militar, seus corpos eram suas armas e sua resistência era sua arte.

## CONCLUSÃO

Os estudos da masculinidade percorrem um imenso contexto analítico de olhares e perspectivas. A razão de não utilizar a interpretação construtivista da masculinidade, é que nesse tipo de análise pressupõe uma categoria de gênero que se assenta numa diferença biológica essencialista, quando ela é, histórica e culturalmente relativa. A Teoria Queer traz o questionamento de identidades polarizadas e fixas, defendendo a dinâmica polifacetada da masculinidade e também da feminilidade.

Os Dzi Croquettes que não faziam parte de nenhum movimento social em defesa dos direitos homoafetivos, mas que, por meio da arte, da dança e de sua transgressão divulgavam seus problemas e suas posturas diante da sociedade e da cultura. Por meio da materialização de seus corpos abjetos e inteligíveis foram capazes de ridicularizar discursos e posições. O retorno dos Dzi vem evidenciar a força da transgressão das normas de gênero, da mudança, da fluidez dos corpos e dos sujeitos e, além disso, mostrar as fragilidades e sutilezas que são as tecnologias de controle que se fundamentam sobre delicadas, porém internalizadas, tentativas de controlar sujeitos.

**DZI CROQUETTES AND QUEER THEORY** : Rethinking pedagogies of "being human "

### ABSTRACT

This paper aims to discuss the model and the concept of hegemonic masculinity through the analysis of body performance of the theater group Dzi Croquettes . This theater group was organized in 1972 , in Brazil , with the original lineup thirteen men who acted and danced . Composed of hairy subject , muscular, who wore swimming trunks thong , too much makeup and glitter , wore the transgression of norms of playful way gender identity and satirical , opposing the power relations , power and masculinity that were prevalent in the twentieth century society in full dictatorial regime . For this study, we focus on the historical possibilities of being , to forge and to be man through the eye of Queer Theory . The methodology used was the documentary and bibliographic research that analyzed the performances of Dzi Croquettes through the documentary " Dzi Croquettes " (2010 ) , and testimonies of the troupe members in the book - catalog " Dzi Croquettes " . This work is therefore important to analyze the question of polarized and fixed identities , defending the multifaceted dynamics of masculinity.

**Keywords:** Dzi Croquettes . Queer theory. Masculinities

## REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Ciro; BRITO, Sandra (org.) **Dzi Croquettes**. Rio de Janeiro, 2013.
- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras: Uma antologia de estudos queer**. Barcelona: Icária editorial, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade** 2. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- COONELL, R. W. 1995. Masculinities: Knowledge, power and social change. Apud FILHO, S. A. Carvalho. A Masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. In: XIII ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212953291\\_ARQUIVO\\_ComunicacaoSilviodeAlmeidaCarvalhoFilho.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212953291_ARQUIVO_ComunicacaoSilviodeAlmeidaCarvalhoFilho.pdf). Acesso em: 02 de set. de 2014.
- DZI CROQUETTES. **Dzi Croquettes: documentário 2009**. 2014 1 post (1 h. 49 min. 38 seg.). Postado em: 15 de fev. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgy8fXEqw98>. Acesso em 2 set. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**; trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5 edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- LEON, A.A. Gomes. As artes da tirania: sexo, Foucault e Teoria Queer. In: **ARIUS: revista de Ciências Humanas e Artes**. v. 16, n. 1/2, 208 p., jan./dez., 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: uma política pós-identitária da educação**. In: **ESTUDOS FEMINISTAS**, 2001. v. 9, n. 2 p. 541. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 10 set. de 2014.
- NOLASCO, Sócrates (1995). **O Mito da Masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ROSA, M. **Ser um homem segundo a tradição?** In: **FRACTAL**. Jul/Dez 2008. Niterói. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/10.pdf>. Acesso em: 10 de set. de 2014.
- SEIDMAN, Steven (org.). **Queer Theory / Sociology**. Oxford: Blackwell. 1996.
- SILVA, Natanael de Freitas. Dzi Croquettes: “nem homem, nem mulher, gente!” Masculino e Masculinidades. In: **Anais do XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA EM ANPUH-RIO: saberes e práticas científicas**, 2014, **Anais...** Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400502156\\_ARQUIVO\\_TextocompletoNatanaelSilvaAnpuhrj2014.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400502156_ARQUIVO_TextocompletoNatanaelSilvaAnpuhrj2014.pdf). Acesso em: 12 de set. 2014.